



Novembro 2010



A sobrevivência dos mais bondosos

por Paul Ekman

O psicólogo Paul Ekman revela a visão real da compaixão de Charles Darwin - e não é o que você poderia pensar. A sua crença de que o altruísmo é uma parte vital da vida humana e até animal está a ser confirmada pela ciência moderna.

Em 1871, onze anos antes da sua morte, Charles Darwin publicou o que chamaram o seu "maior livro não lido", *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*. A sua pouco conhecida discussão sobre a simpatia neste livro revela uma faceta do pensamento de Darwin que é contrária à visão competitiva, implacável e egoísta da natureza humana que foi erradamente atribuída à perspectiva Darwinista.

No quarto capítulo, intitulado "Comparação dos Poderes Mentais do Homem e dos Animais Inferiores", Darwin explicou a origem daquilo a que ele chamou de "simpatia" (que hoje seria designada por empatia, altruísmo ou compaixão), descrevendo como os seres humanos e outros animais socorrem outros em perigo. Embora reconhecesse que tais ações eram mais prováveis de ocorrer dentro do grupo familiar, ele escreveu que a maior realização moral é a preocupação com o bem-estar de todos os seres vivos, humanos e não humanos.

Não deveria ser surpresa, dado o compromisso de Charles Darwin para com a continuidade das espécies, que ele alegasse que a preocupação com o bem-estar dos outros não é uma característica exclusivamente humana. Darwin conta a seguinte história: "Há vários anos atrás, um guarda do Jardim Zoológico mostrou-me algumas feridas profundas e mal curadas na nuca, infligidas enquanto estava ajoelhado no chão, por um babuíno feroz. O pequeno macaco americano que era

um amigo caloroso deste guarda, vivia no mesmo compartimento e tinha um medo terrível do grande babuíno. No entanto, assim que viu o seu amigo em perigo, ele correu para o salvar, e através de gritos e de mordeduras distraiu tanto o babuíno que o homem foi capaz de fugir". Este incidente é consistente com o Movimentos de Respiração Fetal- FBM, estudo de 2004 de Waal, "Sobre a possibilidade da empatia animal".

A probabilidade de tais ações, disse Darwin, é maior quando o ajudante está relacionado com a pessoa que precisa de ajuda. "É evidente, em primeiro lugar", escreveu em *The Descent of Man*, "que com a humanidade os impulsos instintivos têm diferentes graus de força; um selvagem arriscará a sua própria vida para salvar a de um membro da mesma comunidade, mas ficará totalmente indiferente acerca dum estranho; uma mãe jovem e tímida, impulsionada pelo instinto maternal, correrá o maior perigo sem hesitação, pelo seu próprio bebê ..."

Darwin reconheceu, no entanto, que pessoas excepcionais ajudarão estranhos em perigo, não apenas parentes ou entes queridos. "Não obstante, muitas vezes o homem civilizado que nunca antes arriscou a sua vida por outro, mas cheio de coragem e simpatia ignorou o instinto de autopreservação e mergulhou de imediato numa enxurrada para salvar um homem a afogar-se, mesmo sendo um estranho. Neste caso, o homem é impulsionado pelo mesmo motivo instintivo, que fez com que o heróico macaco americano, anteriormente descrito, salvasse o seu guarda atacando o grande e terrível babuíno." A linha de pensamento de Darwin foi confirmada pelo estudo de indivíduos excepcionais que resgatam estranhos arriscando a própria vida, de K.R.

Munroe, em *The Heart of Altruism: Perceptions of a Common Humanity*, de 1996.

Darwin não estudou porque razão a compaixão em relação a estranhos, mesmo com o risco da própria vida, existe apenas nalgumas pessoas. Haverá uma predisposição genética para tais preocupações, ou resulta unicamente da educação ou de alguma mistura entre natureza e educação? Nem tão pouco Darwin escreveu sobre se é possível cultivar essa compaixão por estranhos naqueles que não a possuem.

Hoje, essas questões são o foco de investigação teórica (ver P. Gilbert, ed., *Compassion*, Routledge, 2005) e empírica (D. Mobbs, et. Al., “A Key Role for Similarity in Vicarious Reward”, *Science*, 2009). Em “Compassion: An Evolutionary Analysis and Empirical Review”, no *Psychological Bulletin*, Goetz, Keltner and Simon-Thomas analisam a literatura psicológica sobre a empatia, o altruísmo e a compaixão, integrando novas provas que sugerem que a compaixão deveria ser considerada como uma emoção. Num futuro artigo, “Compassion and Altruism: A Reformulation and Research Agenda”, Erika Rosenberg e eu consideramos o que chamamos de compaixão familiar como uma emoção, ainda que em sentido restrito, mas argumentamos que não é útil classificar outras formas de compaixão como emoções.

Darwin deu uma explicação sobre a origem da compaixão: “Somos,” escreveu, “impelidos a aliviar os sofrimentos do outro, de modo a que os nossos próprios sentimentos dolorosos possam ser aliviados ao mesmo tempo...” No entanto, como o estudioso budista B. Alan Wallace salienta, nem todas as pessoas respondem ao sofrimento desta forma. Ele observa que uma pessoa pode, por exemplo, pensar: “Como sou afortunado por não ser essa outra pessoa”. Há muitos anos, na minha própria pesquisa, descobri que cerca de um terço das pessoas que viram um filme dum pessoa a sofrer mostravam sofrimento nos seus próprios rostos, mas que um número igual manifestava repulsa à visão de sofrimento. Essas proporções foram as mesmas entre os japoneses em Tóquio e os americanos na Califórnia, indicando que as reações não eram afetadas pela cultura.

Darwin também descreveu como a seleção natural favoreceu a evolução da compaixão, independentemente do que originalmente motivou tal comportamento: “Independentemente do modo complicado como esse sentimento possa ter tido origem, sendo de grande importância para todos os animais que se ajudam e se defendem mutuamente, ele terá aumentado através da seleção natural; porque essas comunidades, que incluíam o maior número dos membros mais compreensivos, seriam mais prósperas e teriam o maior número de descendentes”.

No entanto, contrariamente à expectativa de Darwin, não há países hoje ou no passado conhecido, em que a compaixão e o altruísmo para com estranhos sejam manifestados pela maioria da população, e sobre isso, no mesmo texto, Darwin escreveu mais realisticamente sobre a extensão da compaixão.

Darwin encerrou a discussão sobre a origem e a natureza da compaixão e do altruísmo, descrevendo o que ele considerava a mais alta virtude moral. Escreveu: “À medida que o homem avança na civilização e pequenas tribos se unem em comunidades maiores, a mais simples razão diria a cada indivíduo que ele deveria ampliar os seus instintos sociais e simpatia a todos os membros da mesma nação, embora pessoalmente desconhecidos para ele. Uma vez alcançado este ponto, haveria apenas uma barreira artificial impedindo que as suas simpatias se estendam aos homens de todas as nações e raças. [Se eles se parecem diferentes] a experiência lamentavelmente nos mostra quanto tempo demora até olharmos para eles como nossos semelhantes. A simpatia para além dos limites do homem, que é a humanidade para com os animais inferiores, parece ser uma das mais recentes aquisições morais ... Essa virtude [preocupação com os animais inferiores], uma das mais nobres das quais o homem está dotado, parece acontecer por acaso pelas nossas simpatias se tornarem mais carinhosas e mais amplamente difundidas, até se alargarem a todos os seres sencientes.”

Durante as discussões que tive com o Dalai Lama sobre as emoções e a compaixão, sobre as quais se baseia o nosso livro *Emotional Awareness* (Consciência Emocional), eu li-lhe esta última citação de Darwin. O tradutor do Dalai Lama, Thupten Jinpa, exclamou: “Ele usou mesmo essa frase 'todos os seres sencientes'?” Jinpa ficou surpreendido porque esta frase é a tradução exata em inglês da descrição budista da abrangente compaixão dum bodhisattva.

Charles Darwin era dos poucos pensadores da sua época a assumir esta visão, e foi apenas na última parte do século XX que essa preocupação com a compaixão em relação aos seres não humanos se tornou mais popular. Darwin estava muito à frente de seu tempo.

Essa semelhança notável entre a visão budista da virtude e a de Darwin levanta a possibilidade provocante de que Darwin possa ter deduzido os seus pontos de vista dos escritos budistas. Darwin sabia, pelo menos, algo sobre o budismo quando escreveu *The Descent of Man*. J.D. Hooker, o melhor amigo de Darwin, passou muitos anos nos Himalaias. A principal estudiosa de Darwin, Janet Browne, disse-me: “Darwin poderia facilmente ter discutido esses assuntos com J.D. Hooker depois das suas viagens em Sikkim e noutros lugares da Índia”, e Alison Pearne, co-editora de *Evolution: The Selected Letters of Charles Darwin*, observa que Hooker mencionou o budismo nas suas

cartas da Índia para Darwin. Contudo, a essência das idéias de Darwin sobre a moralidade e a compaixão aparece nos seus cadernos de 1838, dois anos depois de seu regresso da viagem do Beagle, quando Darwin tinha 29 anos. Isso foi cinco anos antes de se encontrar com Hooker.

Randal Keynes, bisneto de Darwin, descreveu o pensamento de Darwin sobre essas questões nos cadernos da seguinte maneira: “Os seus comentários foram redigidos descuidadamente, mas ele não tinha dúvidas sobre o seu objetivo subjacente. [Darwin escreveu:] “Não terá a nossa noção de certo e errado surgido da análise das nossas ações através dos nossos crescentes poderes mentais, pois elas estavam ligadas ao nosso sentimento instintivo de amor e preocupação pelos outros? Se um animal com instintos sociais desenvolveu o poder da reflexão, deverá ter uma consciência.”

Darwin anotou no seu caderno: "Não considerando a origem ... o indivíduo esquece-se de si mesmo, e ajuda e defende e age pelos outros à sua própria custa". Darwin nesta fase inicial da sua vida também estava interessado nas origens da moralidade: o que produziu o bem maior (ou melhor, o que é necessário afinal para o bem) foram os sentidos morais (instintivos) ... Ao julgar a regra da felicidade devemos olhar para a frente (& para a ação em geral) - certamente porque é o resultado do que, desde o passado distante geralmente tem sido o melhor para o nosso bem ... a sociedade não poderia continuar, exceto pelo senso moral. ”

Darwin referiu a sua dívida para com David Hume. Em 1838, Darwin leu o livro de Hume *Enquiry Concerning the Principles of Morals* e achou-o importante para desenvolver uma teoria separada da instrução divina. Como comenta Randal Keynes em *Darwin, His Daughter & Human Evolution*:

David Hume colocou simpatia no centro de seu pensamento sobre as origens naturais dos princípios morais. Via-a como um sentimento natural e não como uma atitude baseada no raciocínio a partir duma noção abstrata. “Há alguma benevolência, por pouca que seja, impregnada no nosso peito; alguma centelha de amizade para com a humanidade; alguma partícula da

pomba que se misturou na nossa estrutura, juntamente com o elemento do lobo e da serpente.” Charles desenvolveu essa ideia e especulou como o nosso senso moral também poderia crescer naturalmente a partir desse sentimento. [Darwin escreveu:] “Olhando para o Homem, como um Naturalista faria com qualquer outro animal mamífero, poder-se-ia concluir que ele tem instintos parentais, conjugais e sociais ... esses instintos consistem num sentimento de amor ou benevolência para com o objeto em questão ... tal simpatia ativa que o indivíduo se esquece de si próprio, e ajuda e defende e age para com os outros à sua própria custa. ”

Ao concluir a introdução à sua edição de *Descent of Man*, James Moore e Adrian Desmond escreveram que alguns dos contemporâneos de Darwin que estudaram este livro enfatizaram os “aspectos humanos dos valores vitorianos de Darwin: dever, altruísmo e compaixão... Frances Cobbe [uma feminista teórica e pioneira dos direitos dos animais] desculpou os leitores que poderiam imaginar "o autor como um homem que... inconscientemente atribuiu a sua própria natureza anormal e generosa ao resto de sua espécie, e depois teorizou como se o mundo fosse composto por Darwins."

O pensamento de Darwin sobre a compaixão, o altruísmo e a moralidade revela certamente um quadro diferente das preocupações desse grande pensador, do que o retratado por aqueles que se concentram no slogan “a sobrevivência do mais apto” (na verdade, uma citação de Spencer, não de Darwin). Os que não conhecem seus escritos, e mesmo alguns cientistas, não estão cientes do compromisso de Darwin para com a unidade da humanidade, as suas convicções abolicionistas e o seu intenso interesse em princípios morais e no bem-estar humano e animal.

Paul Ekman é um renomado especialista em aptidões emocionais e comunicação não-verbal, técnicas pioneiras para desmascarar a mentira e outros estados mentais através do reconhecimento facial. Colaborou com o Dalai Lama no livro de 2008, *Emotional Awareness*. Em 2009, a revista TIME nomeou-o como uma das suas 100 pessoas mais influentes.